

# Tem tempo

## *Quando o prazer não tem idade*

BRUNO MAIA, MARCELO CALDAS, NATHALIA LAVIGNE E THIAGO CAMELO

**T**odo ser humano tem desejos. Desde criança, somos acostumados à idéia de que não podemos ter tudo que queremos e que devemos extrair o prazer das pequenas conquistas do cotidiano. Essa noção perpassa os anos e, quando vemos, já somos tão reféns das nossas ocupações que (re)descobrir o prazer parece quase impossível. É o momento em que a noção de que o tempo é infalível torna-se senso comum, e poucas pessoas são capazes de buscar novas alternativas para não deixar que a vida perca seu sentido. Nesse contexto, a terceira idade poderia ser vista como a menos propícia para se traçar novos rumos. Porém, se percebe que, cada vez mais, os idosos encontram formas para fugir do futuro que as outras pessoas, mais do que a vida, lhes impõem.

Tradicionalmente, existem locais mais procurados por essa faixa etária. Ciente disso, a equipe da **Eclética** foi a dois lugares diferentes, ao Centro e à Zona Sul do Rio de Janeiro. O teatro Carlos Gomes e o cinema Espaço Unibanco, famosos pela alta frequência de idosos, foram os destinos escolhidos. Nossa reportagem con-

versou com três pessoas que, já na terceira idade, continuam tendo histórias tristes, felizes, planos, resignações, senso de humor, dias bons ou ruins e notou que, ainda que as limitações do corpo restrinjam, os desejos permanecem. Para atendê-los, os idosos subvertem a idéia de tempo, pois, apesar de lhes restar, teoricamente, menos tempo de vida, são eles que mais tempo têm para se dedicar à vida.

### **No cinema com Lia e Isaac**

Lia Lipman cruza o saguão do Estação Unibanco com passos firmes. Está sozinha, encaminhando-se com uma xícara de café em mãos para uma das mesas do cinema de Botafogo. A professora primária aposentada, de 74 anos, é solícita ao pedido de entrevista. Mas adverte: “Meu filho, você vai ter que falar alto e ter paciência. Minha audição não é mais a mesma e minha garganta está ruim, vou falar bem baixinho”.

A fragilidade pintada por Lia não se confirma. Em poucos minutos de conversa, a mulher apresenta-se firme, falando alto e escutando com clareza. Conta dos filmes (vê, ao menos, dois por semana), de suas pinturas e dos cursos de línguas.

“Fui casada por 35 anos. Me separei já com a idade avançada. Depois que fiquei sozinha, tive que procurar coisas para me levantar”, diz Lia, para logo depois, em meio a risos, corrigir-se. “Mas não sou infeliz assim. Não sinto a falta de um companheiro. Fico pensando, será que gostaria de alguém dentro de casa, alguém que eu tivesse que servir cafezinho, servir jantar, vendo se está tudo bem com ele? Não estou mais para isso não, não aceito não. Quero viver sozinha”.

O marido de Lia ainda a procura. O motivo do afastamento? A mulher parece não se sentir à vontade para revelar. Separados há alguns anos (a professora não consegue precisar), os dois vêem-se toda semana. Com muitos amigos no passado, Lia explica que o marido hoje está sozinho, isolado: “Ele realmente me procura muito. Não tem mais com quem conversar, bater um papo, contar as coisas dele. Me liga todo dia, pelo menos de manhã para me dar bom dia. Ficamos assim, ficamos só na amizade”.

Assim, com carinho e resignação, Lia vai descrevendo o ex-companheiro. Fala dos quatro filhos, das viagens e do caso que teve logo após a separação, “um romance bom, mas só porque era

novidade". É, porém, quando discute sobre seus planos, seus projetos, que Lia exacerba a serenidade que a maioria das suas frases anteriores já carregava.

"Plano, não tenho nenhum. Só viver. Viver já é um grande plano, você não acha?", pergunta a professora, afirmando nem pensar que terá 80 anos em pouco tempo. "O meu futuro fica para Deus. Eu tento me cuidar, faço hidroginástica e fisioterapia. Cuido do meu corpo, é o que posso fazer".

Quando não está no cinema, estudando línguas, pintando ou cuidando do corpo, Lia gosta de ver TV e escutar música. Tem muitas amigas. Inclusive, para o dia seguinte, já está marcada sessão de cinema com uma delas.

"Mas para hoje, você não vai acreditar, estou esperando o meu ex-marido", confessa ruborizada a professora.

Ao chegar, Isaac Lipman não se assusta com o jovem conversando com a sua ex-mulher. Com cumprimento de mãos firme, apresenta-se e olha para Lia, como quem quisesse entender o que se passa.

"Ele está fazendo uma entrevista comigo. Quer saber com que tenho prazer, se tenho algum plano, o que espero da vida", Lia apressa-se em explicar. Depois, pergunta para o homem: "Você quer falar também?"

Isaac, 75 anos, funcionário aposentado do Banco Central, judeu de nascimento, mas praticante há apenas quatro anos, com problema de audição que o obriga ao uso de aparelho de correção em um dos ouvidos, aman-

te das viagens, das pinturas, dos livros e do cinema, não se furta a responder de imediato: "Meu maior sonho é casar com ela novamente".

As atenções voltam-se para Lia. Ela não parece surpresa, apenas ri. Isaac corta o silêncio entregando uma carta à ex-mulher, dando a entender que aquilo era assunto deles e de mais ninguém. Com Isaac à mesa, o encontro passou a ser um monólogo do homem sobre a vida e, é claro, sobre Lia.



**"Plano não tenho nenhum. Só viver. Viver já é um grande plano, você não acha?"**

"Você sabia que há pessoas que existem e outras que vivem? Você sabia disso? A faculdade lhe ensinou isso?", indaga Isaac, rindo e respondendo sua própria pergunta. "A vida ensina, meu filho".

O homem continua a pregar suas lições. Leciona que também existem os criativos e os empurrados: a mulher, a criativa, incentivava a ele, o empurrado, a aproveitar um pouco mais a vida. "Eu estou em casa sem nada para fazer. Ela me telefona e diz: vamos ao cinema às 16:30h no Unibanco", explica Isaac, pedindo então licença para ir comprar o ingresso.

Lia já leu a carta. Está pensativa. Finalmente, decide mostrar o texto, apresentando-o como "um

dos motivos da separação". Escrito por uma menina de treze anos, filha de uma amante de Isaac, o papel é uma declaração de amor escancarada a quem a adolescente chama de pai.

"Isaac teve esse caso a 15 anos. A mulher tinha uma filha de dois. Como ela era muito pobre, Isaac resolveu assumir a criança. É, ele tem o coração muito bom", conta a mulher, revelando nos olhos, pela primeira vez, um traço de tristeza. "Eu ainda fiquei com ele depois disso. Mas, nos anos seguintes, ele teve ainda mais amantes. Tive que me separar".

O homem volta. Pergunta a Lia abertamente sobre a carta. A mulher faz-se desinteressada. No momento em que se prepara para retomar o monólogo, Isaac cede a uma pergunta: se ama a menina que lhe escreveu a carta.

"Eu gosto só dela", diz, apondo a cabeça para Lia, mas se retifica. "Bom, eu gosto sim da menina, porém, tenho um sonho maior: que a Lia goste dela".

A mulher interrompe o ex-marido, afirmando que a questão já foi respondida. Pergunta se há mais alguma pergunta. Existe sim, e essa é delicada de se tocar: sexo. Lia, no entanto, não ruboriza como outrora.

"O sexo foi muito bom no nosso casamento. Isaac era um cavalheiro mesmo depois da velhice, nunca deixou de ser paciente. Hoje, não faço mais, mas antes de nos separarmos...", conta Lia, omitindo o final da frase.

Isaac completa, lembrando-se da época da separação, data esquecida pela mulher:

“É, há seis anos ainda fazíamos...” O homem também não fala a frase até o fim, mas todos já estão rindo.

Lia pede desculpa. Está na hora da sessão. Os dois andam próximos (mas não de mãos dadas) em direção à fila. Para o fim de semana, já está combinado o teatro. Pretendem também viajar. Juntos.

### No teatro com Cleonice

Cleonice Marques, 76 anos, num sábado à noite, está... adivinhem: esperando as amigas para saírem juntas. Vão se encontrar para, como está na moda se dizer, fazer um “programinha básico”. Saem em grupo.

“Noite de sábado é para sair com as amigas”, afirma, enquanto se aproximam mais duas senhoras, as tais amigas. Uma delas prefere ficar longe da câmera fotográfica e da reportagem. Quer saber do que se trata, mas demonstra uma certa insegurança. Talvez pelo sentimento de exposição da fragilidade física, ou pela mera rejeição à presença de estranhos em meio ao grupo tão unido há anos, ela simplesmente prefere se manter fora de foco. Apesar disso, pede para ver a carteirinha que comprova que o repórter é mesmo um repórter e que não vai usar aquelas fotos para outro fim. Até o nome do editor da revista quer saber.

“Ela foi jornalista a vida toda”, aponta Cleonice para a amiga, a senhora que não quer falar. Dito isso, aquela desconfiança toda parece estar explicada.

Provas apresentadas. Mas a op-



*Cleonice sorri na platéia de a Ópera do malandro*

ção de não participar da reportagem permanece. Tudo bem, continuemos com a atenciosa Cleonice, que demonstra estar mais à vontade com a situação.



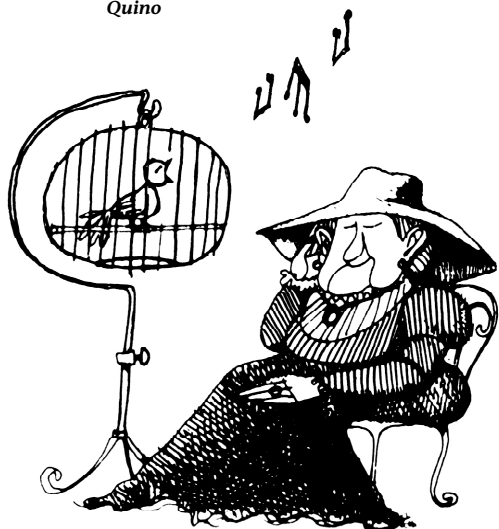
**As limitações físicas,  
naturais da idade,  
parecem contrastar  
com a empolgação  
da mente**

Muito simpática, conta que não perde a chance de estar num dos teatros da cidade. Admiradora antiga das artes, diz-se apaixonada em especial pelo teatro. Não à toa, marcou com as amigas de assistirem a badalada *Ópera do malandro*, de Chico Buarque.

A peça é longa, mais de três horas de duração. Porém, nada que tire ou mesmo abale o ânimo de Cleonice. No intervalo da peça, ela sai sozinha para “olhar o movimento”. As amigas, demonstrando menos disposição, permanecem em seus lugares. A entusiasmada espectadora, não. Observa em silêncio o zanzar das pessoas. Só fala o necessário.

“Ei, menino, me ajuda a descer essa escada”, convoca o funcionário do teatro. As limitações físicas, naturais da idade, parecem contrastar com a empolgação da mente. Precisa apoiar-se nos corrimãos do agitado Teatro Carlos Gomes para se locomover. Anda, circula em meio ao burburinho. O sinal toca. Respeitosa, encaminha-se de volta ao seu assento e não entende o que classifica de “falta de educação do pessoal mais novo”:

“Quando o primeiro sinal toca,



é para que todos voltem ao seu lugar”, ensina. “Eu já estava voltando, ainda tinha gente saindo. A peça vai recomeçar e ainda tem um monte de gente lá fora”.

Nossa equipe a aborda novamente e pergunta se ela gostou da primeira metade da peça. Cleonice demonstra ser uma crítica das mais severas: “Musicais não fazem muito meu gênero não. Não é meu estilo preferido. Mas é... é uma peça boazinha”. Um certo desdém flutua com a afirmação. “Prefiro os clássicos”, completa, mas sem perder o sorriso no fim da frase.

Começa o segundo ato. Mais uma hora de união das amigas. No fim, elas se levantam ligeiras, nem esperam terminar a longa salva de palmas. Querem fugir do tumulto que se formaria nas escadas do teatro em poucos segundos. A reportagem tenta alcançá-las. Já na calçada, a última pergunta: “gostou, Cleonice?”

“Ah, sim! Muito boa, muito boa mesmo a peça.”

Tentamos saber o porquê de tão brusca mudança de opinião depois do segundo ato. Mas já era

tarde, as três amigas já estavam no táxi. A noite parecia estar apenas começando. E o tempo parecia ser muito precioso para se perder.

### No bingo com Guido

Quem passa pela rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, não consegue deixar de notar o letreiro vermelho que caracteriza o bingo Casas Lotéricas Voluntários da Pátria, ainda que sem curiosidade para ver o que se passa lá dentro. Com a nossa equipe nunca foi diferente, mas, dessa vez, tínhamos a tarefa de entrar e encontrar um idoso que pudesse participar da matéria – trabalho facilitado pelo empregado que estava na porta: “A casa abre à uma hora, mas o bingo só começa às cinco. Pessoas de idade você vai encontrar qualquer dia, mas o movimento bom mesmo é no fim de semana”.



**“A pessoa quando é jovem tem muito mais opção de diversão. Hoje, tive que descobrir outras coisas que me dessem prazer”**

Munidos da informação, voltamos lá em um sábado à noite. Dia chuvoso, primeiro fim de semana do mês. Mais apropriado, impossível.

A primeira impressão não é

muito confortável. O lugar não é exatamente o que se costuma classificar como aconchegante, abrigar alguém naquela situação não seria nada fácil. Os que estavam jogando não esboçavam nenhum interesse em conversar – e os que saíam muito menos, sempre com uma expressão insatisfeita, de quem esvazia todo o bolso sem levar um tostão.

Foi então que um senhor sentou-se ao lado da nossa repórter, pediu uma cerveja e se pôs a falar. Falou do jogo, dos netos, da vida, falou de tudo o que estava na pauta para a matéria sem que ela tivesse perguntado nada. “Você é jornalista? Então anota aí: pessoas na terceira idade são mal humoradas e impacientes”.

O senhor, de 60 anos, chamava-se Guido Arcoverde. “É italiano o nome, por isso que sou um velho mais animado do que os daqui”. Nem precisava dizer. Um grupo de senhoras, sentado em uma mesa no café do bingo, recusou-se a colaborar com a equipe, mostrando-se de saída e com pressa. Não trocou mais do que algumas palavras, limitando-se a responder que estava ali apenas para “passar o tempo”. Guido, ao contrário, parecia confirmar a impressão de que idosos adoram conversar.

Logo na primeira jogada, Guido fez bingo e garantiu R\$ 66 para as próximas. Tinha dinheiro de sobra para continuar a conversa por um bom tempo. “Eu venho aqui só no fim de semana e só jogo com o dinheiro que eu ganho. Já vi gente sair daqui desesperada porque gastou tudo o que tinha. Eu não faço questão de ir embora



com dinheiro, mas também enquanto estou ganhando eu vou gastando”, explica ele, sorrindo em seguida, o olhar atento a toda a movimentação da casa.

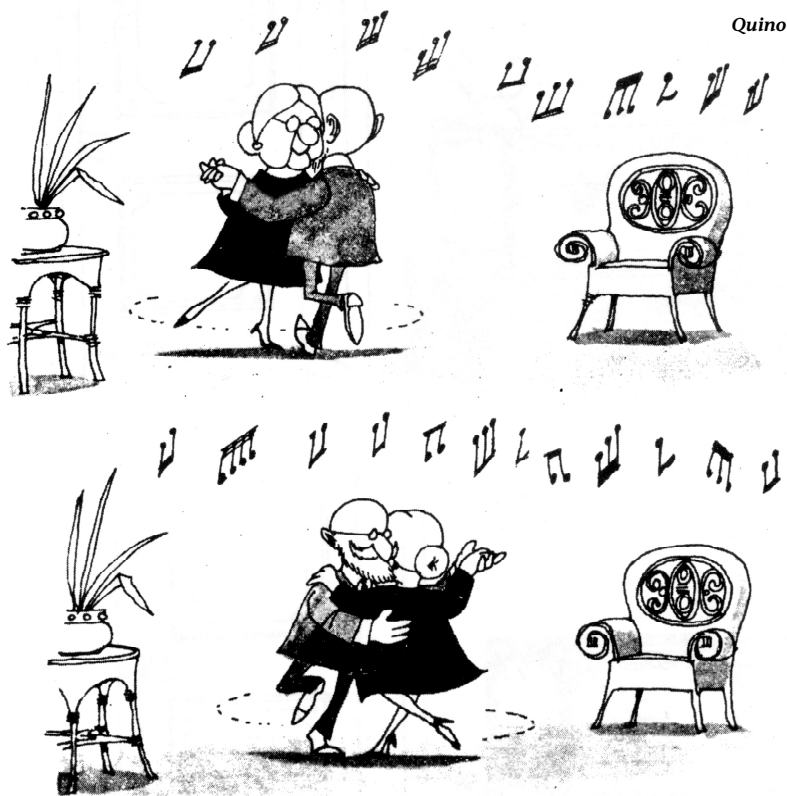
Dono de uma empresa de material de construção, Guido garante que, durante a semana, é “um cara família”. Porém, quando chega sexta-feira, não tem nem mais discussão em casa: a mulher já sabe que ele não vai chegar tão cedo. “Eu gosto muito de sair à noite, tomar uma cerveja, mas minha mulher não gosta de sair nem de beber. Vivo tentando tirar ela de casa, mas não tem jeito”.

A conversa flui, e Guido anima-se a tal ponto que suspende a partida. Os funcionários insistem, mas ele pede mais uma cerveja e se põe a falar de novo, ainda sem que nenhuma pergunta fosse feita. “Não tenho nenhum vício, jogo apenas para me distrair um pouco. Não sou como as pessoas que sentam aqui todo dia e só fazem isso da vida”.

Distração ou não, Guido chegou dizendo que tinha que buscar o neto e só ia jogar vinte minutos. Já se passava quase uma hora e ele ainda continuava por lá. Outro funcionário aproximou-se e pergunta se ele tem certeza que não vai voltar a jogar naquela rodada. “Agora não, estou batendo papo com a jornalista aqui”, brinca ele.

Os jogadores ao lado, concentrados, começam a reclamar. Guido dá de ombros, bate na mão de nossa repórter e fala mais alto, em tom provocativo: “Eu disse que velho é rabugento, não disse?”

Definitivamente, Guido não ti-



nha o perfil de um típico frequentador do local. De qualquer forma, ele também estava ali, apostando seu dinheiro assim como outros. A pergunta principal, então, podia ser feita: por que tanta gente joga bingo na terceira idade?

“A pessoa quando é jovem tem muito mais opção de diversão do que nós. O que eu mais gostava de fazer na vida era jogar futebol. Hoje não posso mais, tive que descobrir outras coisas que me dessem prazer”, fala Guido, em tom sério.

Há seis anos, ele sofreu um acidente de carro que quase o deixou paralisado. Hoje, ele faz quase tudo, apesar de ter dois parafusos nas costas e não poder mexer o pescoço. “Fiquei três meses no hospital sem saber se ia poder voltar a andar e fazer sexo normalmente. Mas graças a Deus

não deixei de fazer nenhum dos dois”, fala ele, com naturalidade.

Depois da terceira cerveja, Guido já apresentava a repórter como filha para os funcionários da casa. Rindo a maior parte do tempo, só se emocionou quando questionado sobre a sua família. “Tenho dois filhos de verdade e dois emprestados. Os netos agora também viraram filhos emprestados”, afirma o italiano. Seus olhos enchem d’água, e o que era uma entrevista vira uma conversa informal e amigável, com direito a despedida emocionada.

A pergunta final acabou não sendo feita, mas não era preciso fazê-la para concluir o que importava saber. O prazer, para Guido, não era o jogo. Sentar em qualquer lugar, jogar conversa fora e tomar quantas cervejas o dinheiro desse, já era o bastante para ele. 